

“Uma das preocupações centrais da ANIPLA é garantir que inovação e ciência são postas ao serviço de uma agricultura moderna

Em 2020 assinalou-se o Ano Internacional da Sanidade das Plantas, aproveitado para se falar sobre segurança alimentar, um tema complexo, num mundo cada vez mais globalizado. Este foi o mote para uma Grande Entrevista a Felisbela Torres Campos, Presidente da Direção da ANIPLA - Associação Nacional da Indústria para a Proteção das Plantas, onde abordámos também os projetos Smartfarm e Valorfito, a problemática da retirada de substâncias ativas do mercado e a posição da Associação em relação à Estratégia do Prado ao Prato, entre outros temas relevantes. No final, Felisbela Campos assegura que uma das preocupações centrais da ANIPLA é garantir que inovação e ciência são postas ao serviço de uma agricultura moderna e, por isso, apostamos diariamente na desconstrução de mitos, na informação e sensibilização da população para o papel fundamental da ciência, assim como na formação anual de centenas de profissionais e em gerações futuras do setor.



Felisbela Torres Campos, Presidente da Direção da ANIPLA

Começamos pelo Ano 2020, designado pela FAO como Ano Internacional da Sanidade das Plantas. Sendo público que há uma crescente preocupação com o reforço de práticas sustentáveis na proteção das culturas por parte da indústria fitofarmacêutica, qual tem sido a evolução?

O ano de 2020 convidou-nos a celebrar a Sanidade Vegetal e convocou-nos a conversar sobre segurança alimentar. Um ano dedicado ao diálogo sobre a importância da saúde das plantas, ao bem-estar humano e ambiental, celebrado num dos contextos mais imprevisíveis que alguma vez pudemos imaginar e que nos obrigou a (re)pensar o ambiente e a sustentabilidade ao mesmo tempo que garantimos uma produção de alimentos segura e acessível a todos.

A verdade é que num mundo cada vez mais globalizado, com constantes e elevadas exportações e importações de alimentos e sistemas alimentares cada vez mais complexos, adensa-se a necessidade de uma cooperação nacional e internacional, intersectorial, cada vez mais afinada e que garanta a segurança dos alimentos. Consideramos que esse é um dos principais desafios e cujo balanço que fazemos, ano após ano, é muito positivo: dedicar um ano à temática da sanidade vegetal foi trazer para o centro todas as entidades que compõem esta grande indústria alimentar e definir responsabilidades com que todos temos de estar comprometidos. Falar de sanidade vegetal é falar do cuidado com a fauna e a flora, com os alimentos e com a saúde do ambiente, é falar de biodiversidade e preservação dos solos, num constante compromisso com a segurança alimentar. 2020 foi o ano dedicado à sanidade das plantas, numa consciencialização que tem de estar presente sempre e que é a prioridade, com um Pacto Ecológico que será o quadro e contexto de trabalho para todas as entidades envolvidas nesta missão de alimentar e proteger o planeta: Autoridades Oficiais, Indústria fitofarmacêutica e Sector Produtivo deverão estar permeáveis à mudança, à introdução de novas tecnologias e às (cada vez maiores) exigências fitossanitárias. A uma Nova Revolução Verde.

No seio da ANIPLA têm sido implementados vários projetos, nomeadamente o Smartfarm e o VALORFITO. Que balanço pode ser feito de ambos e que contributos têm dado para a adoção de práticas mais sustentáveis?

Quer a Smartfarm, a quinta inteligente da ANIPLA, quer o projeto VALORFITO trabalham >>

“Dedicar um ano à temática da sanidade vegetal foi trazer para o centro todas as entidades que compõem esta grande indústria alimentar e definir responsabilidades com que todos temos de estar comprometidos.



“ *Nunca o que comemos foi tão seguro como o que hoje chega à nossa mesa.* ”

com uma missão comum: sensibilizar para as boas práticas, formar e estar próximos dos produtores nacionais e garantir que a agricultura portuguesa é um espaço seguro e sustentável.

Individualmente, a Smart Farm é um dos projetos mais dinâmicos: está em constante evolução quer ao nível das tecnologias implementadas, quer no que respeita às práticas para as quais forma e sensibiliza os produtores.

Sendo a proteção e promoção da biodiversidade uma das suas maiores preocupações, este tem sido o espaço de inúmeros exemplos práticos, formação no que respeita a estratégias de proteção integrada e boas práticas de utilização de produtos fitofarmacêuticos – sensibilizando todos os que nos visitam para a importância da preservação da fauna e flora e dos próprios organismos auxiliares, sem esquecer a água e o solo. É um projeto evolutivo, que prevê constantes adaptações e melhorias que acompanham o resultado do progresso tecnológico, da inovação e das boas práticas, sempre com o objetivo de maximizar a segurança para o homem e natureza. No fundo, é o espaço onde é possível conhecer a forma profissional e responsável como os nossos agricultores desempenham o seu importante papel de



valorfito
Em campo por amor à terra.

Ainda sem revelar os dados totais do ano, que serão apresentados no final de março, o projeto avançou já com um crescimento de 28% em 2020, face ao total de embalagens recolhidas em 2019, com um total de 479 toneladas de embalagens recolhidas.

produtores de alimentos saudáveis, seguros e acessíveis.

A recolha e tratamento de embalagens vazias de produtos fitofarmacêuticos, através do sistema VALORFITO, é também um excelente exemplo da constante preocupação e soluções encontradas pela Indústria para a preservação do ambiente. Ainda sem revelar os dados totais do ano, que serão apresentados no final de março, o projeto avançou já com um crescimento de 28% em 2020, face ao total de embalagens recolhidas em 2019, com um total de 479 toneladas de embalagens recolhidas, o que prova a progressão e crescimento constante do mesmo, bem como o impacto positivo que tem no cuidado com o planeta e com o ambiente. Estes resultados são sinal da resiliência de todo o sector agrícola e dos agricultores em particular, que apesar de um ano extremamente desafiante como o de 2020 não pararam, conseguiram manter a sua atividade e produções para que não houvesse quebras nas cadeias de abastecimento alimentar e ainda manter a consciência ambiental de contribuir para a recolha de embalagens usadas.

Um das grandes preocupações a partir da utilização de produtos fitofarmacêuticos nas culturas agrícolas é a segurança alimentar e as exigências a esse nível têm sido crescentes. Podemos afirmar que existe segurança alimentar nos produtos agrícolas nacionais?

Sem dúvida. Nunca o que comemos foi tão seguro como o que hoje chega à nossa mesa. Por via do rigoroso controlo imposto desde há muito pela regulamentação Europeia (EFSA – Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar), os alimentos produzidos em território europeu são dos mais seguros. O que acontece é que existem inúmeros mitos associados ao uso de produtos fitofarmacêuticos e ao papel da ciência e tecnologia ao serviço da agricultura e da alimentação.

Uma das “queixas” frequentes da Indústria para a Proteção das Plantas é a desinformação do público. Quais são os principais mitos que persistem e onde é que falha a comunicação?

É absolutamente necessário dotar a sociedade de informação objetiva sobre o que é a produção de alimentos, o que implica e quais são os cuidados de saúde humana e ambiental adjacente a esta atividade. Só assim será possível propor metas e exigências que sejam reais e exequíveis para alimentar a população mundial. Para além de outros,

há dois grandes mitos que persistem na nossa sociedade e que é urgente desconstruir: em primeiro lugar, a ideia do Resíduo Zero. Esse chavão, irrealista e mediático, que fica sempre bem a quem o profere, não representa a realidade e dá a ideia de que a nossa alimentação não é segura, o que efetivamente não é verdade. Todos os anos, o relatório da Autoridade Europeia de Segurança Alimentar (EFSA) sobre o controlo de resíduos de produtos fitofarmacêuticos nos alimentos nos indica a enormíssima percentagem de alimentos efetivamente seguros. Práticas agrícolas sustentáveis, produtos fitofarmacêuticos escrupulosamente testados e agricultores profissionais, que fazem uso da tecnologia e da ciência, são o garante da segurança nos alimentos. Em 150 anos a população mundial vai crescer quase quatro vezes mais e, é por isso necessário produzir cada vez mais de forma eficiente e sustentável. Para o conseguir, é preciso que a população volte a confiar na ciência: é preciso que a tecnologia, a biotecnologia e todas as ferramentas cientificamente comprovadas de que dispomos até hoje, trabalhem em prol da preservação da água e dos solos, da biodiversidade, da fauna e flora, e assegurem

“ *Em 150 anos a população mundial vai crescer quase quatro vezes mais e, é por isso necessário produzir cada vez mais de forma eficiente e sustentável. Para o conseguir, é preciso que a população volte a confiar na ciência.* ”



Pub. _____

FORTETUB

LÍDER POR NATURALEZA





Fábrica de tubos invernadero, Mallas electrosoldadas, Tutores de madera y galvanizados

21600 VALVERDE DEL CAMINO - HUELVA
 TEL. 0034 - 959 55 58 68 / 653 75 36 63
 E-mail: fortetub@fortetub.com

www.fortetub.com



ISO: 9001:2008
 Cert. nº: ES07/9672

alimentos de qualidade e em quantidade, a toda a população.

Qual tem sido a evolução da venda de produtos fitofarmacêuticos em Portugal, sabendo-se que tem havido uma constante retirada de substâncias ativas do mercado?

Relativamente às vendas de produtos fitofarmacêuticos, em maio de 2020, o Eurostat revelou que Portugal foi o país da União Europeia que registou a maior descida na venda de produtos fitofarmacêuticos entre 2011 e 2018, com uma quebra de 43%. Não existindo dados concretos que justifiquem esta redução, podemos aferir que os agricultores nacionais estão a adotar as melhores práticas agrícolas, os sistemas de proteção integrada e a aplicação de estratégias cada vez mais eficientes. A ciência e tecnologia mostram-nos hoje, das mais diversas formas, que é possível encontrar alternativas sustentáveis, tecnologicamente avançadas e cientificamente comprovadas, que permitem aos agricultores defender os seus solos e manter os níveis de produção. Contudo, a retirada de substâncias ativas do mercado é efetivamente um dado preocupante, especialmente nos casos em que não existe qualquer substituição, situação que reduz a capacidade dos agricultores controlarem as pragas, doenças e infestantes nas suas culturas. Segundo os dados da DGAV, revelados nas Jornadas que a Anipla organizou em fevereiro de 2020, em Portugal mais de 100 substâncias ativas não foram renovadas e que cerca de 200 encontram-se pendentes – num conjunto de 5 grupos de avaliação. Apenas 56 substâncias ativas foram reavaliadas e renovadas, o que obriga à reflexão sobre o impacto desta situação nas culturas: problemas fitossanitários antigos que ficam sem solução e problemas emergentes que até agora não tinham impacto económico na cultura e que passarão a ter por falta de soluções que os controlem.

Quais têm sido as principais implicações desta realidade na atividade agrícola?

Poderemos olhar para a retirada de substâncias ativas do mercado de duas formas: por um lado, revela um impacto muito substancial nas culturas e na sua capacidade de produção (por exemplo: dados avançados pela Associação Nacional de Produtores de Pera Rocha revelam que em 2020 houve uma redução de 27% na produção, motivada não só por fatores climáticos, mas também pela retirada de substâncias ativas do mercado que

“

Portugal foi o país da União Europeia que registou a maior descida na venda de produtos fitofarmacêuticos entre 2011 e 2018, com uma quebra de 43%.

“

Dados avançados pela Associação Nacional de Produtores de Pera Rocha revelam que em 2020 houve uma redução de 27% na produção, motivada não só por fatores climáticos, mas também pela retirada de substâncias ativas do mercado que protegem estas culturas.



protegem estas culturas); por outro, tem um impacto muito substancial nos rendimentos dos agricultores – dados recentes revelam que em 2020, a agricultura portuguesa sofreu uma quebra de 3,3% no rendimento da atividade agrícola e 9% no seu produto agrícola bruto (*).

Também o estudo elaborado em 2016, pela Anipla e 27 organizações de agricultores, em 5 fileiras-chave do nosso país (vinho, tomate de indústria, azeite, milho e pera) a propósito do risco iminente de retirada de 112 substâncias ativas e respetivos produtos fitofarmacêuticos, revelou resultados deveras preocupantes, com quebras de produção muito acima dos 50% e com grande impacto a nível económico.

Com menos substâncias ativas disponíveis há pragas/ doenças novamente mais agressivas, assim como existem pragas emergentes, como por exemplo a *Xylella fastidiosa*. Que soluções é que os agricultores podem esperar?

Em agosto de 2019 a Comissão publicou o Regulamento Delegado (EU) 2019/1702 onde listou as 20 pragas de quarentena consideradas como pragas prioritárias onde incluiu a *Xylella fastidiosa*, o escaravelho japonês, o escaravelho asiático, a bactéria responsável pelo esverdeamento dos citrinos etc, cujo impacto económico,

ambiental e social no território da UE é da maior gravidade. O Joint Research Centre (JRC) e a European Food Safety Authority (EFSA) estimaram que a bactéria *Xylella fastidiosa*, a praga com maior impacto nas culturas agrícolas, poderia causar perdas anuais de produção de 5,5 mil milhões de EUR, afetando 70% do valor de produção da UE das oliveiras com mais de 30 anos e, 35% das mais jovens, 11% da produção dos citrinos, 13% da produção de amêndoas e 1-2% da produção Europeia de uvas. Perante este cenário estão em causa 300 000 postos de emprego.

A eventual propagação por toda a UE do escaravelho asiático (*Anoplophora glabripennis*) poderia resultar na perda direta de mais de 5% das árvores em crescimento de várias espécies florestais tais como o amieiro, o freixo, a faia, a bétula, o ulmeiro, o bordo ou o plátano. Estas árvores estão avaliadas em 24 mil milhões de EUR e o impacto económico no setor florestal a montante poderia ascender a 50 mil milhões de EUR*.

O escaravelho Japonês *Popillia japonica* poderá afetar mais de 80 produtos Europeus com certificação de qualidade, trata-se de destruição de património Europeu.

Além dos impactos diretos na produção, pode inferir-se que as pragas têm efeitos indiretos significativos numa vasta gama de setores económicos a montante e/ou a jusante.

“

Os produtos fitofarmacêuticos contrafeitos já representam cerca de 14% no mercado europeu, pelo que, a aposta na regulamentação e na viabilização de cada vez mais alternativas aos produtos fitofarmacêuticos retirados será a única forma de combater este flagelo.

Com a diminuição acentuada de substâncias ativas e por consequência de diferentes modos de ação, a gestão das pragas, doenças e infestantes é cada vez mais complicada. O aumento do uso do mesmo tipo de substâncias ativas leva ao desenvolvimento de fenómenos resistências por parte dos inimigos das culturas, aumentando assim a severidade destes.

O facto de os países Europeus terem de fazer uso recorrentemente de medidas de uso excecional é indicador que as ferramentas que atualmente os agricultores dispõem não são suficientes para fazerem face aos desafios colocados, imagine-se se equacionarmos as pragas de quarentena.

É imperativo que a Comissão pondere estes cenários e faça uma avaliação de impacto aquando da tomada de decisão sobre o futuro de determinada substância ativa na Europa.

Menos substâncias ativas no mercado têm levado ao aparecimento de mais produtos ilegais?

O comércio dos produtos fitofarmacêuticos ilegais e contrafeitos é um problema crescente em vários países da Europa, representando um perigo para a saúde humana e ambiental.

Este não é apenas um problema económico, não só a nível nacional, mas também para as nossas empresas, cujos produtos estão a ser falsificados, mas representa um risco muito significativo para a segurança dos agricultores, para a saúde pública e para o ambiente, uma vez que estas substâncias ilegais, cujo conteúdo é desconhecido, não passam pelos rigorosos testes de segurança exigidos para a colocação de produtos fitofarmacêuticos no mercado.

É uma luta que a indústria tem tido desde sempre e cujos esforços no combate são mais importantes do que nunca. Congratulamo-nos com o sucesso continuado Europol, que através da Operação Silver Axe, tem apreendido, ano após ano, centenas de toneladas de produtos ilegais e falsificados, com pesadas coimas para os criminosos responsáveis.

Os produtos fitofarmacêuticos contrafeitos já representam cerca de 14% no mercado europeu, pelo que, a aposta na regulamentação e na viabilização de cada vez mais alternativas aos produtos fitofarmacêuticos retirados será a única forma de combater este flagelo.»

Em outubro de 2020 a ANIPLA dirigiu uma carta aberta a vários agentes políticos, nomeadamente o Ministério da Agricultura, a propósito da Estratégia do Prado ao Prato, com as suas considerações acerca da mesma. Qual é a perceção da ANIPLA e como é que olha para as metas propostas?

A grande maioria das ideias e propósitos contemplados na estratégia “Green Deal” não são para nós uma novidade. Muito tem sido o trabalho desenvolvido pela Indústria Fitofarmacêutica em prol da produção de alimentos seguros, de forma sustentável, tantas vezes já demonstrado e implementado na área da proteção das culturas e da agricultura em geral.

Aquilo que quisemos fazer com a Carta Aberta e que diariamente partilhamos com parceiros e entidades governamentais e políticas, é que a Indústria aceite discutir metas, contando que estas sejam realistas, baseadas na ciência e adaptadas às diferentes realidades. As práticas agrícolas, as ferramentas utilizadas e as necessidades inerentes ao tipo de culturas e tipo de clima em cada país/região, ditam a necessidade de adaptar essas metas, até porque os países que integram a EU não são todos iguais, mais ainda quando falamos de agricultura e da sua envolvente. Os países da orla mediterrânea, nomeadamente Portugal, por exemplo, são os mais expostos às consequências das alterações climáticas e dos mais suscetíveis ao aparecimento de novas doenças, pragas e infestantes. Ora, toda esta diversidade pressupõe diferentes soluções que assegurem que a produtividade não fica comprometida e é precisamente isso que questionamos as medidas propostas e que exigimos uma estratégia que contemple esta preocupação – necessidades de cada país, em simultâneo com a preservação da natureza, segurança, sustentabilidade e biodiversidade.

Foi também recentemente anunciado o novo posicionamento da Associação Europeia da Proteção de Culturas, agora designada CropLife Europe, da qual a ANIPLA é membro. O que é que este “refresh” vem trazer?

A nova designação e posicionamento da Indústria Fitofarmacêutica Europeia surge como uma necessidade de responder às crescentes exigências sociais e políticas, em prol de um sistema agroalimentar sólido e sustentável. Num panorama em que assistimos a cada vez mais rápidas e evolutivas mudanças sociais e políticas, faz sentido uma abordagem integrada das várias



“

Na ANIPLA acreditamos que o futuro da alimentação depende de um esforço conjunto entre todas as entidades ligadas ao sector, que terão imperativamente de caminhar em conjunto para garantir a sustentabilidade do planeta e a alimentação de todos nós.

tecnologias disponíveis para a produção de alimentos. Por isso, um maior número de áreas abrangidas no trabalho diário da CropLife, apoiado pela ANIPLA e por todos os seus parceiros, significa uma mais valia no encontro de soluções que, de uma forma cada mais eficaz, possam responder às crescentes exigências da produção sustentável de alimentos.

Para concluir, onde é que ainda se pode melhorar para proteger a biodiversidade, o ambiente agrícola e promover a segurança alimentar?

Na ANIPLA acreditamos que o futuro da alimentação depende de um esforço conjunto entre todas as entidades ligadas ao sector, que terão imperativamente de caminhar em conjunto para garantir a sustentabilidade do planeta e a alimentação de todos nós. Uma das preocupações centrais da ANIPLA é garantir que inovação e ciência são postas ao serviço de uma agricultura moderna e, por isso, apostamos diariamente na desconstrução de mitos, na informação e sensibilização da população para o papel fundamental da ciência, assim como na formação anual de centenas de profissionais e em gerações futuras do setor. Um trabalho diário e permanente de consciencialização para o recurso a práticas inovadoras e de produção integrada, que asseguram milhares de alimentos de qualidade e obtidos de forma consciente.

*<https://ec.europa.eu/jrc/en/news/how-big-are-potential-impacts-quarantine-pests-eu-agriculture-and-forestry>